

# MERCADO DE TRABALHO E O DESAFIO DA GLOBALIZAÇÃO

**Rosele Marques Vieira, mestranda.  
Adayr da Silva Ilha, Prof. Dr.**

Universidade Federal de Santa Maria- Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.  
Fone: (055) 220-8598 Camobi -Campus Universitário- Santa Maria -RS - CEP 97119-900.

## **Abstract:**

*The article intends to show through a revision theoretical recent studies on changes that are happening in the labor market, in the decade of 90. The analysis is centered in the subject of the high unemployment rates. The discussion wins importance the measure that intensifies the introduction of new technologies and the globalization process, producing social and economic exclusion. The researches point, for the need to retake the on the way to the form of the individuals insert in that market, is decisive factor for the pattern of life of the population.*

**ÁREA:** GESTÃO DA TECNOLOGIA

**Key Words:** *Globalization,unemployment,tecnological inovations*

## **1. INTRODUÇÃO**

O objetivo do presente trabalho é analisar as implicações das questões relativas ao mercado de trabalho, na década de 90, decorrentes das elevadas taxas de desemprego que permanecem e recolocam-se, com maior ênfase em um contexto onde se caminha celeremente para a adoção de processos mais intensivos em tecnologia, que se impõe face à globalização da economia. As informações utilizadas originam-se fundamentalmente da literatura nessa área e de trabalhos recentes sobre esta questão, com ênfase na realidade brasileira.

Desde os primeiros anos da década de 70, profundas mudanças ocorreram no cenário econômico mundial, mudanças estas que foram determinando progressivamente os limites do modelo de produção em massa.

O modelo Taylorista\Fordista (autoritário, com disciplina rígida, formação técnica e específica do indivíduo, tomando este como mero apêndice da máquina e separando o trabalho intelectual do trabalho manual), começou apresentar sinais de exaustão a partir da instauração de um processo de mudança do sistema capitalista de produção, produtividade e emprego na maioria dos países. (AMARO,1995).

Nesse sentido, o modelo fordista passa por drásticas transformações, como a reestruturação da produção em massa, através de combinações de automação e novas relações no mercado de trabalho, possibilitando uma maior flexibilidade da produção.

Estas transformações do capitalismo mundial, que atingem sua complexidade nos anos 80, redefiniram os parâmetros produtivos, tecnológicos, de concentração de capitais, de globalização e instabilidade financeira, formação de blocos econômicos. Globalização

tornou-se a palavra utilizada para descrever essa aceleração da interdependência no bojo da revolução tecnológica.

As novas tecnologias jogam um duplo papel : “... facilitam a globalização e exercem pressão para ampliá-la. A força motriz da globalização passa ser o amadurecimento e a difusão internacional desse novo sistema de produção, denominado “flexível”, “enxuto”, ou “toyotismo”. (PRESSER, 1995, p.87).

A interdependência e o aprofundamento das relações entre as nações assumiram uma proporção tal que, podemos falar em globalização como um fenômeno marcante da década de 90. No entanto, a identificação desse fenômeno é algo que continua a buscar uma conceituação . Em linhas gerais, podemos dizer que a globalização corresponde, ao mesmo tempo, a uma mundialização de mercados e a uma reorganização da produção.

A globalização não é um fenômeno novo, historicamente, pode-se se falar em processo de globalização do capitalismo mundial, a partir das grandes navegações (século XV e XVI), pela facilidade de transportes, o capitalismo começou a expandir-se geograficamente por todo o mundo. Segundo SANTOS (1993) até a Segunda Guerra Mundial os processos de produção tinham uma base essencialmente local ou nacional, utilizando eventualmente, a importação de matérias-primas do exterior. A partir de 1945, a humanidade assistiu a um forte processo de integração dos sistemas produtivos mundiais. Caracterizados pelo domínio do capital transnacional, expandiram-se drasticamente os serviços e o mercado. Para o autor “... o processo de globalização, resulta do aumento da comunicação entre os homens e leva à internacionalização do sistema produtivo e dos serviços.”

Delinea-se, assim, a “nova ordem internacional” que é proclamada sobre os alicerces do mercado livre e do mercado sem fronteiras, ou seja, é o reordenamento das relações internacionais de um mundo em que todos os países tendem a se relacionar com todos os outros de forma cada vez mais direta e mais intensa. No entanto, essas relações nem sempre se manifestam de forma equilibrada.

Atualmente , globalização compreende uma mudança de intensidade na produção e na comercialização de produtos, a partir da utilização de métodos, e recursos de produção que ultrapassam fronteiras nacionais.

Diante desse processo, o mercado mundial está cada vez mais globalizado, a indústria, a produção e a fábrica estão deixando de ser fenômenos nacionais e passam a ser fortemente integradas e coordenadas globalmente.

Estas mudanças que estão ocorrendo terão conseqüências profundas na economia interna e, por extensão na postura estratégica das empresas brasileiras. Assim, a nova política industrial que se configura para o Brasil está assentada em dois pressupostos básicos: competitividade e modernidade.

De um lado, verifica-se a ocorrência de um amplo conjunto de transformações baseados em um novo modo de produzir bens e serviços a partir da introdução de tecnologia de base microeletrônica, da profunda reorganização das técnicas organizacionais e da crescente globalização do mercado. Por outro lado, do ponto de vista social evidencia-se pelo crescimento do desemprego urbano e pelas manifestações de deterioração nas condições de vida bem como exclusão social e econômica, com exigência de uma presença absoluta de mão-de-obra qualificada, treinamento e reciclagem de mão-de-obra anterior e impõem mudanças drásticas na organização da produção e do trabalho.

Em toda a parte , o processo de globalização tem produzido impactos de grande alcance social. O principal impacto social desse processo, deverá ser o aumento relativo do desemprego , produzindo crescente exclusão social. Ao mesmo tempo, aumentará o setor informal como resultado das tendências de flexibilização de contratos de trabalhos e , terceirização e desconcentração da atividade produtiva.

No Brasil, é desnecessário ressaltar sua relevância, onde problemas sociais vinculados a etapas de desenvolvimento sequer foram inteiramente equacionados, e onde convive-se ainda com processos produtivos arcaicos e modernos, além de problemas na estrutura agrária, na educação, saúde, e na pesquisa científica e tecnológica e uma estrutura de renda perversa.

Para discutir essas questões, este trabalho se encontra organizado da seguinte forma: na seção 2, faz-se uma discussão do novo paradigma tecnológico/organizacional e a globalização que trazem consigo um conjunto de inovações e novos sistemas tecnológicos e reorganização industrial. A seção 3, mostra um debate sobre o mercado de trabalho, o crescimento do desemprego e a precarização das condições de trabalho, acompanhada de exclusão social e econômica. Por último, a seção 4 estabelece as considerações finais.

## **2. O NOVO PARADIGMA TECNOLÓGICO/ORGANIZACIONAL E A GLOBALIZAÇÃO**

A revolução tecnológica/organizacional e a globalização são as duas principais forças motoras que estruturam essas transformações, e que definem algumas tendências marcantes no novo cenário de desenvolvimento econômico. Estas duas forças exercerão pressão, tanto a nível microeconômico, como macroeconômico. No nível microeconômico, atuam sobre estruturas produtivas e organizacionais, determinando quais as empresas e organizações que sobreviverão com a intensificação da competição. No nível macroeconômico e global, as mudanças tecnológicas e organizacionais estão relacionadas ao controle mais eficiente da economia mundial pelas transnacionais, através do controle sobre o crescimento do investimento em determinados países.

A conjugação das novas tecnologias, com redução de tempo e de custos nas operações e processos, combinadas com sistemas organizacionais mais flexíveis e eficientes, tem estimulado as empresas no mundo a passarem por profunda reestruturação para se tornarem competitivas. Elas estão se transformando em organizações mais achatadas, com poucos níveis hierárquicos ágeis e flexíveis, especializadas em atividades onde têm maior eficiência.

A competição entre as empresas ocorre em escala verdadeiramente global. Nessa estratégia global, as empresas transnacionais aproveitam tanto as vantagens comparativas específicas de cada país como as vantagens competitivas específicas das empresas utilizando as novas tecnologias de informação e coordenação. De acordo com PRESSER (1995,p.88), “as empresas transnacionais estão no centro do processo de globalização, graças a internacionalização anterior: dispõem de uma estrutura organizacional internacional, operam em estruturas de oferta concentradas em escala mundial e são capazes de explorar as vantagens da globalização financeira”.

Os fundamentos desse novo paradigma são as tecnologias de informação-conjugação de tecnologias de computação, telecomunicações e técnicas organizacionais. Dessa forma, a economia de escala baseada na padronização dos produtos, perde sua importância frente à competitividade, uma vez que a flexibilidade passa ser a característica fundamental do novo sistema de produção capitalista. A flexibilização é entendida como a introdução de equipamentos de propósitos múltiplos, versatilidade na habilitação de mão-de-obra e na produção de bens e serviços (CANO,1993).

A introdução destes novos padrões está associado a novas relações de trabalho, em um contexto marcado por forte pressão concorrencial, por um mercado globalizado e sem fronteiras, com diferenciadas exigências e novas conformações nos padrões de qualidade e

relações industriais. Estes novos padrões, que fatalmente serão poupadores de mão-de-obra, terão efeitos consideráveis no mercado de trabalho.

### **3. MERCADO DE TRABALHO: UMA DISCUSSÃO**

A questão em debate mostra que há praticamente um consenso sobre o potencial desempregador das novas tecnologias, embora seja prematuro atribuir os altos índices de desemprego somente aos processos de inovações tecnológicas. MISSE (1996) alega que há fortes evidências de que os avanços tecnológicos impõem uma nova ordem econômica : a globalização. Em toda a parte, esse processo tem produzido impactos de grande alcance social: fragmentação, polarização e exclusão.

Tal situação pode ser evidenciada por MATTOSO (1996) que afirma ser a redução do nível de empregos, a face mais perversa da globalização. Considera que a abertura comercial, as inovações tecnológicas e a reestruturação produtiva representaram no ano de 1996, uma perda de 400 mil vagas na indústria brasileira, segundo um estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Um simpósio de economistas, realizado em Gramado em 1996, revelou as conclusões de um estudo sobre a precariedade das condições do mercado de trabalho, em que o autor faz uma síntese destes estudos, identificando quatro tipos de fenômeno que têm impacto no mercado de trabalho. O primeiro é a reestruturação industrial, atropelada pela abertura comercial indiscriminada. O setor manufatureiro foi obrigado a se reestruturar em decorrência de pressões internacionais, com drástica redução no emprego. Outro problema diz respeito ao modelo de automação bancária, que começou na década de 80 e encolheu o quadro de funcionários. O terceiro é o processo de privatização que têm forte impacto sobre a queda do emprego. O quarto fenômeno é a reforma administrativa dos Estados e municípios, que corta empregos em setores tradicionalmente considerados estáveis.

O discurso político e a preocupação acadêmica enfatizam a temática do mercado de trabalho. Por um lado, dizem que o desemprego é resultado da automação microeletrônica, como uma questão estrutural configurando o uso de uma tecnologia sofisticada e fragmentada, altamente poupadora de mão-de-obra. Por outro lado, é atribuído a questões conjunturais, onde os níveis de desemprego estão associados a componentes conjunturais, decorrentes da abertura comercial e da inserção competitiva.

A questão do desemprego assume, no contexto de globalização, contornos bastantes complexos. É um novo e grande desafio para o governo e a sociedade. Assim, a explicação para o problema do desemprego, vem sendo objeto de muita controvérsia: é meramente conjuntural ou pode ser chamado de desemprego tecnológico?

A esse propósito ZENI (1993, p.207) considera que essa suposição é verdadeira, e afirma "... tanto isso é real que, nos países onde a automação industrial está em etapa mais avançada, o aumento do denominado desemprego tecnológico é um fato indiscutível".

Um caso típico de desemprego conjuntural, ocorreu na recessão do início da década de 80 provocadas pelo ajuste externo da economia brasileira. Assim como, a crise do final dos anos 80, ocasionada pela ausência de políticas para eliminar as distorções acumuladas e pelas próprias políticas de estabilização implantadas, foram acompanhadas de elevadas taxas de crescimento negativas da produção e do emprego.

No entender de DEDECCA(1998) a controvérsia se instaura quando se inicia o debate sobre as formas de adaptação do mercado de trabalho nacional em um contexto de

debilidade econômica ou de recuperação da atividade, associada à racionalização e internacionalização da base produtiva e à abertura econômica, que têm imposto um baixo incremento, do emprego formal.

Os dados da Quadro 1, mostram a queda do emprego formal na indústria de transformação, construção civil, comércio, finanças, apoio às atividades econômicas, transporte e comunicações.

Anos	Total	Indústria a Transp.	Const. Civil	Comércio	Finan..	Apoio	Transportes	Pessoais	Saúde	Educação	Adm. Pública
1989	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
1990	99,7	97,8	97,0	101,8	96,9	98,9	100,6	102,2	102,2	106,3	100,2
1991	96,1	91,3	91,0	97,6	89,1	95,3	98,4	102,7	104,2	110,4	100,4
1992	93,5	86,5	90,3	93,1	85,0	93,4	97,0	102,1	105,2	110,9	101,1
1993	93,1	85,8	86,3	93,9	83,1	92,1	96,4	103,4	108,3	112,3	100,6
1994	93,7	85,8	85,2	95,5	80,8	92,7	95,3	106,4	111,0	115,3	100,5
1995	93,9	85,8	82,7	96,8	74,7	92,0	95,7	109,3	113,0	118,8	100,4
1996	93,8	84,9	83,1	97,0	68,9	91,7	94,8	111,2	115,1	125,7	101,1

Quadro 1 - Evolução do emprego formal no Brasil (1989 -1996)

Fonte: Mattoso e Baltar (1997).

As únicas atividades que registraram maior aumento de emprego formal foram educação e saúde, devido, provavelmente, à pouca margem para contratar trabalho ilegal nas escolas, hospitais e centros de saúde.

No entender de PASTORE (1997,p.07) “pode-se argumentar que parte da incapacidade do Brasil gerar empregos no setor formal ,decorre da abertura comercial desordenada (1990-96), associada à sobrevalorização do real em relação ao dólar, o que estaria facilitando as importações e dificultando a geração de empregos domésticos”.

Analisando a dinâmica do mercado de trabalho na região metropolitana de Porto Alegre, por setores de atividade econômica DE TONI (1994, p.282) “verificou que o desempenho do mercado de trabalho foi afetado por conjunturas bastantes diferenciadas, resultando em situações distintas e as vezes opostas. A indústria de transformação, isoladamente, foi responsável por 80% do total de postos eliminados no período pelos setores com desempenho negativo”.

Deve-se destacar a questão da indústria de calçados, tendo em vista que esse gênero industrial emprega aproximadamente 30% da mão-de-obra no setor industrial. Em 1994, o mesmo passou a sofrer forte concorrência, no setor exportador, de produtos similares de outros países, principalmente a China, mas também alguns países europeus. Este setor ressentiu-se bastante, tendo sua produção diminuída, com as conseqüentes demissões de empregados e redução nos postos de trabalho.

Isso se relaciona com que NAKANO (1994) entende ser o grande desafio que a indústria brasileira terá de enfrentar nos próximos anos, frente ao processo de globalização dos mercados e uma reestruturação industrial de longo alcance, cujos contornos não estão ainda claramente delineados.

Partindo dessa ótica, constata-se a existência de grande divergência entre os autores consultados. De acordo com RATTNER apud Amaro (1995,p.65) tais opiniões podem ser agrupadas em duas posições contrárias, uma otimista e outra pessimista. A primeira otimista-- diz respeito à capacidade de se resolver os problemas da crise pelo uso intensivo de tecnologias microeletrônicas (criando novos empregos, gerando renda e prosperidade), da reorganização das técnicas organizacionais e da crescente globalização de mercados. A

segunda , pessimista - prevê desemprego em massa , desqualificação da força de trabalho, bem como a exclusão social e econômica. Terminaria por ampliar a informalidade das relações de trabalho e expandir a miséria.

Quanto a visão pessimista, RIFKIN (1995) é taxativo ao denunciar o “Fim dos Empregos” e diz que “(...) atualmente há 800 milhões de desempregados em todo o mundo, o maior número desde a Depressão dos anos 30 e que a terceira grande revolução industrial vai ser muito diferente das anteriores. Na primeira, quem perdeu emprego na agricultura foi para a indústria. Na segunda, quem saiu da indústria foi para os serviços. Agora, quando o setor de serviços está sendo “desmontado” pela tecnologia , não há opção”.

Tais argumentos chamam atenção para uma questão bastante relevante : que as inovações tecnológicas, ao mesmo tempo que criam, destroem postos de trabalho, sendo freqüentes as previsões pessimistas quanto ao futuro da classe trabalhadora.

Os efeitos das novas tecnologia sobre o emprego, são classificados por alguns autores como quantitativos e qualitativos. Dentre os quantitativos há efeitos de liberação (que economizam trabalho) e os de compensação ( que criam trabalho). Os efeitos qualitativos se referem às mudanças no conteúdo das profissões ,desaparecimento de velhas e surgimento de novas ocupações.

Muitas tecnologias destroem empregos no local onde entram , causando um efeito direto e ao mesmo tempo geram novas oportunidades de trabalho em outros locais (efeito indireto). A automação foi responsável pela diminuição de 50% do emprego no setor bancário no período 1986-96. No entanto, essa mesma automação abriu novas oportunidades de trabalho nos campos de informática e das telecomunicações. Assim ,os efeitos das tecnologias sobre os empregos são muito variados.

Conforme (VIVARELLI apud Pastore 1997) as tecnologias de processos elevam a eficiência produtiva, podendo gerar novos postos de trabalho na medida que:

- Reduzem os preços dos bens e serviços;
- Elevam os investimentos;
- Introduzem máquinas e equipamentos que necessitam de novos trabalhadores;
- Aumentam a renda e;
- Criam novos produtos.

Estudos recentes mostram que a precarização do trabalho no Brasil, representa hoje 57% da população economicamente ativa, devido a três fatores perversos: baixo crescimento, educação insuficiente e legislação inflexível. Da mesma forma que o crescimento econômico é importante para gerar empregos, a educação é essencial para ajustar os trabalhadores às novas modalidades de trabalho. A rigidez da legislação trabalhista e o excesso de encargos sociais, contribuem em grande parte, para a explosão do emprego informal.

Se mantido o atual padrão de reorganização econômica, não existem sinais, para os próximos anos, de que um volume mais elevado de ocupações seja criado por um maior dinamismo econômico. Desse modo, não se vislumbram perspectivas de que seja alterada a tendência de crescente exclusão do mercado de trabalho (DEDECCA, 1998).

Assim, os países além de necessitarem utilizar as inovações para poder competir internacionalmente, também necessitam centrar sua atenção na questão do emprego, em razão de seus efeitos sociais.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A intensificação da globalização da economia mundial vem sendo acompanhada de profundas modificações econômicas e políticas nos últimos anos. A conjugação de novas tecnologias, com redução de tempo e custos, combinada com sistemas organizacionais, tem estimulado as empresas a fazerem ajustamento na sua estrutura para se tornarem competitivas. Entretanto, há praticamente um consenso entre os autores consultados sobre as mudanças drásticas que esse processo impõe, no que diz respeito ao mercado de trabalho e seus efeitos sociais.

A contínua diminuição do número de postos de trabalho, vem provocando reações e despertando debates sobre como reverter essa tendência. O processo de globalização estabelece uma reconfiguração na organização do trabalho, resultando em um conjunto de inseguranças para os trabalhadores, como o desemprego, subemprego, exclusão social, flexibilização das relações trabalhistas e degradação das condições de trabalho, com o aumento de formas atípicas de trabalho, que tendem a expandir a miséria e a informalidade.

Diante disso, cabe a sociedade e ao governo, a dupla tarefa de integrar os desempregados e direcionar o crescimento econômico, de modo, a não produzir novas e definitivas massas de excluídos, em um mundo em globalização e crescente competitividade. Surgindo assim, a necessidade de retomar o caminho do desenvolvimento não excludente, em condições de competir internacionalmente. Nesse sentido, seria importante pensar na redefinição de políticas públicas de geração empregos que atenuassem os impactos negativos causados pela reorganização produtiva, face a maior abertura econômica.

No entanto, os países que não forem capazes de implementar as reformas econômicas e institucionais poderão ficar marginalizados no processo de crescimento econômico.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Marilis Lemos de. e LARANJEIRA, Sônia M.G. Tendências do Mercado de trabalho para os anos 90: Estudo comparativo das regiões metropolitanas de São Paulo e de Porto Alegre. **Indicadores Econômicos FEE**. V.24, n.3 p.265-279, dez. 1996.
- AMARO, Adriana A. da Silva. Automação microeletrônica e os impactos sobre o nível de empregos e a qualificação profissional na indústria. **Análise**, V.6, n.2, p.63-83, 19 95.
- CANO, Wilson. **Reflexões sobre o Brasil e a nova (des) ordem internacional**. Campinas:UNICAMP, São Paulo: FAPESP,1993.
- CHIEZA, Rosa Angela. Formas de organização do processo de trabalho: Da cooperação ao paradigma baseado na microeletrônica. **Revista Análise**, V. 6, n.2, p.199-219, 1995.
- DE TONI, Miriam. O mercado de Trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre em 1994. **Indicadores Econômicos FEE**, v.22, n.4, p.273-291, jan. 1995.
- DEDECCA, C.S. O desemprego e seu diagnóstico hoje no Brasil. **Revista de Economia Política**, V.18, p.99-119. jan-mar. 1998.
- MATTOSO, Jorge. **A desordem do trabalho**. São Paulo: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. Tecnologia e Trabalho. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 mar. 1996. p. 13-14.
- \_\_\_\_\_. e BALTAR, Paulo. Estrutura Econômica do Emprego no Brasil: Os anos 90. Rio de Janeiro: **IX Fórum Nacional do Instituto Nacional de Altos Estudos**, 1997.
- MISSE, Michel. O Brasil e a globalização: fragmentação, polarização e exclusão social. **Rumos do Desenvolvimento**. V.124, p. 17-19. jun. 1996.
- NAKANO, Yoshiaki. Globalização, competitividade e novas regras de comércio mundial. **Revista de Economia Política**..v.14, n.4(56), p.7-28, out-dez. 1994.
- PASTORE, José. O desemprego tem cura? think tank , **Instituto Liberal**, 1997.

- PRESSER, Mario Ferreira. Globalização e regionalização: Notas sobre o mercosul. **Indicadores Econômicos FEE**, V.23, n.3, p. 87-99, nov. 1995.
- RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos. O declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- SANTOS, Theotônio dos. **A economia mundial: Integração regional e desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- ZENI, Daysi Dias Schramm. O setor de automação no Brasil e no Rio Grande do Sul : Alguns comentários. **Indicadores Econômicos FEE**, v.21,n.1, p.207-214, mai 1993.